

Tempos de Rudeza e Tempos da Técnica em Manoel Dantas

JOSÉ MARCUS GUEDES DE ARAÚJO*

JOEL CARLOS DE SOUZA ANDRADE**

O conceito de *tempo* parece nascer junto com a própria ideia de História, mesmo com as mudanças, as núncias, a institucionalização, a cientificação do conhecimento e da produção do conhecimento histórico (REIS, 1994) transformando-se em um saber específico, ganhando o seu próprio lugar de escrita e prática.

Sob a luz dessa ligação entre o *tempo* e a história, que buscamos na escrita de Manoel Dantas a construção de um dado conceito de *tempo*, buscando perceber como o autor faz uso da noção de *tempo* na construção do seu discurso histórico.

Nessa perspectiva, o almejo por analisar o conceito de *tempo* praticado na obra de Manoel Dantas é uma tarefa difícil, mas que tem em sua dificuldade todo o peso de sua importância. Pensar no conceito de *tempo* é pensar em como Dantas fez uso de sua prática na escrita. Exercitar tal concepção, a selecionada por nós, é criar margem para reflexão sobre os objetivos, as projeções e os fins notados na obra *Homens de Outrora*, na medida em que as ideias de Manoel Dantas estavam em consonância com as problemáticas de sua época.

O século XIX é conhecido como o século da História, da institucionalização dos conhecimentos, das ditas Ciências Humanas, contexto em que “a História” (singularmente posto esse artigo, na tenebrosidade de parecermos positivistas, mas, a intenção é fazer uso do conceito dentro das perspectivas da temporalidade em que se encontra nossa análise e o conceito analisado.) firmava-se no seu lugar, dentro do quadro das ditas Ciências, tomando como fundamento os saberes das Ciências Naturais.

Nesse quadro geral, desenvolvia-se nos saberes e nas práticas historiográficas, o Positivismo, concepção que fundamentava-se em outra grande Teoria, o Darwinismo, neste caso, o do saber humano, o darwinismo social.

A importância do contexto mede-se na medida em que todo “conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tomando-o

* Graduando – História Licenciatura/CERES/UFRN e bolsista de Iniciação Científica/REUNI do projeto “Escriturística Seridoense: fontes históricas, literárias e memorialísticas”. E-mail: josemarcus@outlook.com”;

** Mestre em História e professor do DHC/CERES/UFRN.

compreensível”(KOSELLECK, 1992:3).Noutras palavras, deve ser locada no contexto em questão, para que seus significados também estejam nos lugares certos, sejam de produção, sejamna epistemologia dos conceitos, bem como, na finalidade de sua narrativa.

Formado em Direito ainda no século XIX, Dantas ocupou *lugares*(CERTEAU, 2011) privilegiados, construído a partir dessas ocupações uma fala de autoridade, uma representação importante no seu tempo em vida, e posteriormente para a historiografia.

Sócio- fundador e orador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, desde 1916 até 1924, ano de sua morte.Atuou como professor no colégio Ateneu, nas aulas de Geografia. Manoel Dantas ainda exerceu o cargo de diretor Geral da Instrução Pública Estadual, entre 1897 a 1905, exercendo também o cargo de Juiz, em 1891, e respectivamente o de Promotor Público, nas cidades de Jardim de Seridó e Acari.

Assim, “Manoel Dantas foi jornalista, poeta promotor, juiz, professor, geógrafo, precursor dos estudos de folclore do Estado do Rio Grande do Norte, e ainda, de acordo com a revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, foi também “historiador” (1923-24, p.312).” (NASCIMENTO, 2012:25.)Em seu tempo, Dantas ocupou um *lugar* elitista de suma importância, construindo seu prestígio para os estudos historiográficos posteriores, tal como discutiremos.

Fazendo uso das propriedades intelectuais do historiadorMuirakytan K. de Macêdo (2012), é notável na trajetória de Manoel Dantas as influências do positivismo, de uma formação evolucionista. Formado na Faculdade do Recifeem Direito, em 1890, maior centro irradiador das teorias evolucionista no que seria hojeo Nordeste, Manoel Dantas era um convicto adepto doevolucionismo histórico e social, e fazia de seus escritos lições para que o sertanejosuperasse seus problemas, o seu caráter, nas lentes do autor, o caráter de um homem atrasado, de tempos passados.

Nas discussões realizadas por Macêdo, Manoel Dantas constrói várias teses, lições para que o homemdo Sertão, o sertanejo, superasse o atraso do seu *ser*, seja por meio da Educação, da Memória, do Trabalho, em vários segmentos, a *lição é o caminho* para o progresso.

A dimensão humana em que orbita era a sufocante esfera do trabalho. Preso somente a esse domínio, o sertanejo não se realizava enquanto ser social e político. Vivia arraigado a um mundo unilateral que desconfiava das mudanças e das novidades. Enfim, não conseguia apreender que o destino humano era o desenvolvimento(MACÊDO, 2012:168).

No âmbito duma análise mais abrangente, Macêdo toma como fonte para construir seus escritos sobre Manoel Dantas, seus artigos publicados no jornal seridoense, *O Povo*. Diferente de tal autor, fizemos uso apenas de seu livro *Homens de Outrora*, porém, a partir dele e tomando como norte o conceito de Tempo, conseguimos filtrar vários usos, vários sentidos e significados para tal conceito, que extrapolam um evolucionismo excludente, que mesmo não os tomando como exemplo, os *homens de outrora*, Manoel Dantas fez uso do Tempo para, por vezes, honra-los, na medida em que também os desconstrói, bem como, os compara aos europeus, ainda fazendo deles subalternos do Tempo, sujeito de sua obra. Tempo é sujeito, porque “[...]“não é uma coisa irrealizável; é uma afirmação que só depende do tempo [...]” (DANTAS, 1941:152).

Construídos sob os moldes do tempo, os *homens de outrora* são moldados por citações e noções explícitas de temporalidades, mas, o tempo também pode ser lido e tornando inteligível quando fazemos da semântica uma ferramenta de nossa análise.

Associações, conceito tão mencionado no início desse texto, são mecanismos para se identificar as noções de tempo e fazê-las úteis na construção de nossa percepção, pois “[...] associações pressupõem um mínimo de sentido comum (minimalBedeutungsgehalt), uma pré-aceitação de que se trata de palavras importantes e significativas.” (KOSELLECK, 1992: 2), em outros termos, não podemos desligar certas noções de *tempo* de outras concepções, conceitos, vigentes no período, como por exemplo, *progresso*, *evolução*, *civilização*.

“O sertanejo, antigamente, apesar da simplicidade da vida do campo, quase nada ficava a dever aos outros povos no tocante aos hábitos de boa sociedade” (DANTAS, 1941:18), o sertanejo era simples, vivia no espaço rural, mas, não ficava atrás dos sujeitos de *boa sociedade*, membros de uma organização mais complexa, em que, o adjetivo boa, enaltece ainda mais aquilo que já é complexo para um darwinista social, uma sociedade, questões também discutidas, em suas particularidades, por Muirakytan K. de Macêdo (2012).

O antigamente, o sertanejo de antigamente, de tempos remotos, sertanejo de outrora, era simples...A noção de temporalidade é clara, bem como a associação dela ao remoto, ao distante no tempo, no sentido de linearidade, de um tempo evolutivo, de um tempo em que, as questões são de tempo.

“A força do tempo vai depois polindo a figura dos protagonistas desses movimentos e sagrando heróis da liberdade os que neles preponderam.”(DANTAS, 1941: 68), além de moldar aqueles que vão sendo lembrados, os protagonistas, e sangrando os heróis, aqueles que

lutaram pelo vigente, pela República, pela “*democracia*”, regime da *época, do tempo* de Manoel Dantas, do tempo em que, a República é o que desejado, é a pátria amada, é a Ordem, é o Progresso, é a: *Ordem e Progresso*.

Tempos de secas. Tempos de preocupação, em *Homens de Outrora*, o tempo não é só de ancestralidade simples, ou de heróis a serem sangrados, o tempo surge aos olhos do leitor ligado, *associado* ao futuro, otimista, futuro de solução, em que o poder público, republicano, participativo, a *moda* positivista (com fortes tendências), irá resolver, *talvez*, isso ocorra. “Não estará longe, talvez, o *dia* em que os poderes publicos ou a iniciativa individual tomem a peito resolver esse problema, aliás de fácil solução [...]” (DANTAS, 1941: 111).

A ligação com o progresso, tão mencionado e citado Progresso, fica claro quando essa ideia liga-se ao *tempo*, bem como a ideia de Evolução, de linearidade do processo temporal, tomando o inglês como molde, não só inglês, mas a Inglaterra, as dificuldades da região e a construção do progresso de sua nação. “Havia de esperar que o tempo, as necessidades do progresso, e talvez as modificações que elementos novos tragam à nossa raça, obriguem-nos a fazer o que os ingleses já fizeram.” (DANTAS, 1941:113).

O progresso é inevitável, o tempo é agente, as questões são de tempo, o tempo pode modificar a *raça*, pode fazer com que o sertanejo deixe de ser o sertanejo de outrora, de tempos remotos, pode fazer com que o charuto (DANTAS, 1941:20) não seja devorado como doce, com o sentido de. Devorado porque na concepção do sertanejo, tratava-se de alimento *tradicional*.

Destaca-se, associado ao Tempo, a Educação, que poderia fazer do tempo relativo, na medida em que o Padre Guerra, personagem em um dos ensaios da obra escolhida de Dantas, é um homem de *saber*, conhecedor do Latim, fundador da primeira e única escola de Latim em Caicó (1811), enquanto seus convidados, desconhecedores dos saberes eruditos, eram os sujeitos que desconheciam o progresso, o processo de fabricação dos charutos, as utilidades destes, o valor simbólico, porque, estavam presos na rotina, no tempo de seus antepassados, repetidores dos mesmos comportamentos. (MACÊDO, 2012:164).

Na repetição, não haveria espaço para o novo, e o novo, que tem pouco tempo de existência, é a República no Brasil, o novo é progresso que está no cerne das discussões políticas no âmbito nacional, no quadro mundial. O novo, é a Tecnologia, a Técnica, o novo é o oposto do velho, aos homens antigos, do passado, distante de tais inovações, da *evolução*, e os reminiscentes destes, os sertanejos, fazem da rotina um elo de ligação com esses *homens de*

outrora, prendendo-se no passado a partir da prática da não aceitação do novo, como discute Muirakytan K. de Macêdo (2012).

Por fim, na conclusão deste texto, não das discussões intelectuais de tais ideias, o que buscamos “é o precisamente o começo e o fim de toda a história. Se não há problema, não há história. Apenas narrações, compilações.” (FEBVRE, 1989:31). No cunho de nossa prática historiográfica, buscamos fazer do conceito de Tempo, a noção de temporalidade, uma ferramenta para entendermos a construção (CERTEAU, 2011) do produto de Manoel Dantas, além das articulações, da estruturação, da semântica, das ligações, associações de conceitos, buscamos entender o próprio *sentido* dado uso na temporalidade da obra de M. Dantas.

Na finalidade dessas linhas, Manoel Dantas fez uso do Tempo, das noções e das associações ligadas ao *tempo*, para construir uma lição, uma “via”, uma produção intelectual que apontasse numa direção, na direção do progresso, para que, os homens do passado, fossem lembrados, mas que, seus descendentes não permanecessem tais como eles, pois, os tempos já não são os mesmos, e as possibilidades são maiores, sobretudo quando pensamos na busca de Manoel Dantas em apontar uma saída para os problemas das secas.

Nos tempos de publicação desse trabalho (1941), Manoel Dantas orgulhava-se de poder estar em uma cidade, de se sentir pertencente à um centro urbano, em que era residente, em que, o Progresso era presente. Manoel Dantas orgulhava-se de estar ligado em seu tempo, às novas ideias, as ideias de Progresso, Evolução, grandeza, mas, além de orgulho, este buscava fazer com que o sertanejo pudesse chegar e *seguir* os mesmos *passos*, tendo como fim, o deixar de ser sertanejo, atrasado, e aderir as ideias e as práticas dos novos tempos.

“Nesses tempos porvindouros, quando a cidade –berço de meus filhos, onde creio que para sempre elegi meu domicílio, –empunhar orgulhosamente o céptro da grandeza e do progresso, alenta-me a esperança que de meus antepassados –terá atingindo esse grão de prosperidade e bem estar que as secas não destruirão.”
(DANTAS, 1941:153)

O que buscamos com a escrita deste artigo é traçar algumas direções para se pensar no uso da noção *tempo* feita por Manoel Dantas, desse modo, o que pretendemos é criar caminhos para outras reflexões posteriores, aja visto que o conhecimento histórico não pode ser entendido com pronto e acabado, mas como um processo dialético de gestação e geração de saber.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p.45-108.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 28-41.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos**: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.

MACÊDO, M. Kennedy de. Espaço da superação. In: _____. **A penúltima versão do Seridó**: uma história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRRN. 2012. p. 145-171.

NASCIMENTO, Maria José de Medeiros. **Manoel Dantas**: entre a escrita e a reescrita da história. Caicó, 2012. 62.p.

REIS, José Carlos. Tempo e Terror: estratégias de evasão. In: _____. **Tempo, história e evasão**. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 141-164.